

UMA ABORDAGEM LÚDICA E PEDAGÓGICA NO ENSINO FUNDAMENTAL: TRABALHANDO COM A EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Nelma Baldin¹

RESUMO

A pesquisa que subsidia este artigo, com objetivo de “sensibilizar para conscientizar crianças, alertando-as sobre a importância do meio ambiente e incentivando-as na preservação da natureza por meio de atividades pedagógicas e lúdicas”, foi aplicada numa abordagem qualitativa numa escola pública de Joinville (SC). Fez-se um estudo comparativo com crianças de 1^{os} a 4^{os} anos do ensino fundamental, quanto ao conteúdo trabalhado. O mesmo “Roteiro de Questões” foi aplicado *antes* e *depois* das atividades da pesquisa. Nesse ínterim, praticaram-se “jogos ambientais”, lúdicos e pedagógicos. Os resultados favoráveis demonstraram a importância da prática de metodologias pedagógicas lúdicas aliadas à Educação Ambiental.

Palavras-chave: Educação Ambiental. Jogos Ambientais. Sensibilização ambiental.

INTRODUÇÃO

Torna-se imprescindível, hoje, a prática de ações ou atividades de sensibilização para amenizar os efeitos das atitudes predadoras e nas providências quanto à preservação e conservação do meio ambiente. O Homem, ao pensar apenas no patrimônio econômico, bem estar próprio, ganância e consumismo não se preocupa com as consequências de suas ações sobre o meio ambiente, o qual poderá vir a ser efetivamente afetado. As futuras gerações, com certeza, não terão as mesmas possibilidades de presenciar e admirar recantos, paisagens, campos, aves e animais hoje existentes e na “mira” da destruição pelo Homem. No caso do Brasil, essas atitudes contrariam o que prevê a Constituição Federal de 1988, no seu artigo 225, onde se lê:

¹ Doutora em Educação. Pós Doutorado em Educação, História e Sustentabilidade. Professora do Programa de Pós Graduação Mestrado e Doutorado em Saúde e Meio Ambiente e do Mestrado em Educação da Univille (Joinville – SC). nelma.baldin@univille.br

todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, impondo-se ao Poder Público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações.

§ 1º - Para assegurar a efetividade desse direito, incumbe ao Poder Público: VI – promover a educação ambiental em todos os níveis de ensino e a conscientização pública para a preservação do meio ambiente.

A modernidade trouxe um grande legado à humanidade, trouxe as imensas transformações econômicas e sociais que exercem grande influência sobre as sociedades mundiais que estabelecem, para si, novas relações sociais e também novos símbolos, novas representações e novos sinais. São tempos de crescimento, de desenvolvimento do Homem. Mas, o crescimento econômico desenfreado em que o Homem está imbuído, mais rápido e mais forte que o social, vem gerando enormes desequilíbrios ambientais e sociais (MONTIBELLER FILHO, 2001).

De um lado, nunca houve tanta riqueza e fartura no mundo, porém, de outro lado, a miséria, a degradação ambiental, a poluição e a destruição aumentam dia-a-dia. Diante desse quadro, a idéia da sustentabilidade, da busca da conciliação, do equilíbrio entre o crescimento econômico, da preservação do meio ambiente e da resolução das variantes da justiça social vem ganhando força junto aos meios e órgãos preocupados com essas questões. Já salientava Bursztyn (1993) que a humanidade tem a possibilidade de se desenvolver de maneira sustentável, mas que para isto é preciso garantir as necessidades do presente sem comprometer as habilidades das futuras gerações em encontrar soluções para suas próprias necessidades.

Nessa linha de pensamento e considerando que a escola é um local privilegiado para aprendizagens onde é possível adquirir valores e promover atitudes e comportamentos pró-ambientais, entende-se cabível uma intervenção educativa numa perspectiva da sustentabilidade, buscando-se inverter a tendência atual que se mostra comprometedora para a existência das espécies, inclusive a Humana. Para tanto, ressalta-se, aqui, a importância de um estudo com aproximação teórico metodológica e voltado especificamente

para crianças do ensino fundamental (1^{os}. a 5^{os} anos), uma vez que se entende que nesse nível de ensino as crianças estarão mais suscetíveis à sensibilização e à aprendizagem (VYGOTSKY, 2000). E, no caso deste artigo, trata-se de um estudo com uma abordagem pedagógica, mas acima de tudo lúdica e centrada na Educação Ambiental.

Carvalho (2008) expressa que o desafio para a construção de uma sociedade educada ambientalmente para a sustentabilidade envolve a promoção de mudanças que permeiam o cotidiano de todos os indivíduos e instituições e, essencialmente, também apregoa a justiça social. Nesse sentido, a concepção pedagógica da Educação Ambiental objetiva ações educativas voltadas às atividades de proteção, recuperação, melhoria socioambiental, mas também de cidadania e de prazer.

Podemos entender a Educação Ambiental como um processo quando os indivíduos tomam consciência do seu meio ambiente, seja natural ou construído e, acima de tudo, "adquirem conhecimentos, valores, habilidades, experiências e determinação em busca da prática social a fim de encontrar soluções para os problemas sócio-ambientais e melhorar as relações entre os seres humanos e a natureza e os seres humanos entre si" (STRANZ, et al, 2002, p.222).

Para dar reforço às possibilidades da Educação Ambiental, a Lei nº 9.795/1999 que institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências mais, estabelece também o princípio de que a Educação Ambiental é um componente essencial e permanente da educação nacional, que deve estar presente, de forma articulada, em todos os níveis e modalidades do processo educativo, em caráter formal e não-formal e, ainda, que todos têm direito à Educação Ambiental.

Nesse encaminhamento, percebe-se que a Educação Ambiental, "surge como uma das possíveis estratégias para o enfrentamento da crise civilizatória de dupla ordem, cultural e social" (SORRENTINO, et al, 2005, p. 285). A perspectiva crítica, social, emancipatória e lúdica da Educação Ambiental torna-a uma ferramenta essencial, um recurso de extrema importância para a escola, considerando, como se depreende da leitura de Layrargues (2004), que o ato de acrescentar a dimensão ambiental à educação é uma tentativa de diferenciá-la da educação tradicional. E as diferentes metodologias para se trabalhar

a Educação Ambiental possibilitam mudanças sociais e culturais junto àqueles que convivem com essa prática cotidiana.

No entanto, o entendimento da aplicabilidade que tem, a escola, dessa ampla dimensão da Educação Ambiental é ainda tênue e confunde-se com o ensino regular e com os procedimentos pedagógicos tradicionais. Nesse sentido, é comum deparar-se com escolas que mantêm a mesma metodologia de ensino aplicada aos alunos por anos consecutivos o que, por vezes, acaba levando o aluno a perder o interesse em aprender. E nesse ritmo, por vezes, também se inclui o trabalho com a Educação Ambiental, tendo em vista que o conhecimento disciplinar praticado na escola apresenta um caráter limitado e parcial, que não apreende as conexões entre o social e o natural e que desconsidera a análise do conflito nas relações sociais (FLORIANI E KNECHTEL, 2003).

Numa tentativa de reversão desse quadro, as metodologias de ensino vêm sendo constantemente reformuladas na escola. E quando se trata do trabalho pedagógico com o tema meio ambiente, que sugere uma abordagem de forma a aliar a teoria com a prática e que envolva o lúdico, uma vez que as crianças passam a aprender brincando, conforme manifesta Piaget (2003), pensa-se em metodologias específicas de ensino. Sensibilizar e conscientizar crianças em relação à preservação da vida do e no Planeta Terra é necessário, já que elas representam o futuro. E, para tanto, há que se pensar na prática de atividades pedagógicas ambientais voltadas para a aquisição do conhecimento e também para despertar-lhes o interesse pelo meio ambiente. Uma dessas atividades pedagógica e lúdica, ao mesmo tempo, é a prática do jogo. Segundo Piaget (2003), o jogo é essencial na vida da criança, pois é uma atividade que se constitui em expressão e condição para o desenvolvimento infantil já que as crianças quando jogam assimilam e, na fantasia, mas buscando a realidade, podem transformar essa mesma realidade.

O jogo é um dos meios mais propícios à construção do conhecimento. Para exercê-lo, a criança utiliza sua capacidade senso-motor, uma vez que o corpo é acionado e o pensamento também. Enquanto é desafiada a desenvolver habilidades que envolvam a identificação, observação, comparação, análise, síntese e generalização, a criança vai conhecendo suas possibilidades e desenvolvendo cada vez mais a sua autoconfiança. O jogo é a própria expressão da sua natureza livre. Se imposto, deixa de ser

jogo, uma vez que “quando brinca, a criança toma certa distância da vida cotidiana e entra no mundo imaginário” (KISHIMOTO, 2007, p. 24).

Partindo-se da premissa de que a Educação Ambiental, como expressam Sorrentino et al (2005, p. 287), “trata de uma mudança de paradigma que implica tanto uma revolução científica quanto política” e, paralelamente, busca o desenvolvimento da cidadania plena, holística, solidária e socialmente justa, os jogos tornam-se uma metodologia pedagógica importante nesse contexto. Kishimoto (2007) reforça esse entendimento de que a criança aprende melhor brincando e, assim, brincando, fixa com mais prazer o novo conhecimento. Para tanto, há que se pensar na prática de atividades ambientais voltadas para a aquisição do conhecimento e também para o entretenimento das crianças, visando, sempre, despertar-lhes o interesse pelo meio ambiente de forma lúdica, pedagógica, prática e estimulante.

É com base nesses fundamentos que se entende que a sensibilização e a Educação Ambiental incentivada, nas crianças, levarão à conscientização do Homem seja pela disseminação dos saberes e interesses dessas crianças, seja pelo esforço que essas crianças poderão despender ou, ainda, pela representação que esse processo expressa em favor das suas vidas futuras.

Este quadro teórico representa o pano de fundo do estudo de que trata este artigo. Apresenta-se, aqui, os resultados de uma pesquisa aplicada entre agosto de 2009 a agosto de 2010 e que envolveu ações de Educação Ambiental para crianças de 1^{os}. a 4^{os} anos do ensino fundamental de uma escola pública localizada num bairro de periferia, numa área distante da região central, na cidade de Joinville (SC). Cabe aqui destacar, ainda, que o objetivo do artigo é enfatizar a importância das atividades lúdicas na tarefa da sensibilização ambiental de crianças do ensino fundamental - em aulas de Educação Ambiental, em especial na prática de jogos pedagógicos ambientais.

METODOLOGIA

O estudo foi realizado tendo como referência os procedimentos teórico metodológicos da abordagem qualitativa, conforme Minayo (2003). As atividades da pesquisa, com forte ênfase nas ações

pedagógicas lúdicas, foram aplicadas com vistas a despertar, nas crianças, um maior interesse no conteúdo programático trabalhado. Nesse sentido, pode-se entender que:

A utilização do lúdico no ambiente escolar traz enormes vantagens para o processo de ensino aprendizagem, porque ele é um impulso natural da criança e do adolescente, o que já é uma grande motivação, pois eles (crianças e adolescentes) obtêm prazer, e seu esforço para alcançar o objetivo da aula é espontâneo e voluntário. Com isso, a aula que possui o lúdico como um dos seus métodos de aprendizagem, é uma aula que se encontra voltada para os interesses dos alunos, sem perder o foco do ensino, sem perder o seu objetivo. O lúdico não está somente no ato de brincar, mas também de ler, não decorar, mas sim se apropriar da leitura como forma natural de descobrimento e compreensão do mundo (BAPTISTA, 2011, p. 1).

As atividades desenvolvidas durante a aplicação da pesquisa foram divididas em três etapas: primeiramente, procedeu-se à revisão da literatura para subsidiar teoricamente as ações a serem desenvolvidas com substrato da pedagogia e para fundamentar metodologicamente o levantamento histórico da comunidade em estudo. Nessa etapa, procedeu-se a fichamentos e leituras sobre a história e características sócioeconômicas do bairro estudado, características da escola participante e das suas relações com as questões ambientais e socioculturais locais.

Na segunda etapa, realizaram-se os trabalhos de campo, sendo esses orientados por ações pedagógicas ambientais praticadas na escola. Assim, após a aprovação do projeto pelo Comitê de Ética da universidade local, iniciaram-se as atividades de campo. Para tanto foi aplicado, de início, um "roteiro de questões" e selecionou-se, para essa aplicação, crianças dos 1^{os}. a 4^{os} anos do ensino fundamental. Com essa ação buscou-se perceber as reações dessas crianças (positivas ou não) a cada uma das atividades pedagógicas e ambientais aplicadas. Objetivou-se, ainda, avaliar as informações que essas crianças apresentavam em relação ao meio ambiente (em caráter de início dos trabalhos). Esse "roteiro de questões" foi elaborado com perguntas que estiveram focadas, principalmente, nos

temas “água” e “lixo”, sendo esses temas relacionados à questões da vida cotidiana, como: coleta seletiva; reaproveitamento de água das chuvas; mata ciliar; desmatamento; saneamento básico; meio ambiente; economia para a coletividade; acesso social à água, entre outros. Cada questão apresentava três opções de respostas: “sim”; “não” e “não sei”.

Ainda nesta segunda etapa, aplicou-se a atividade foco da pesquisa - a programação de atividades pedagógicas ambientais – lúdicas – junto às crianças, com vistas à sensibilização para a proteção do meio ambiente. Essas atividades variaram entre: aplicação de jogos ambientais; dinâmicas de perguntas e respostas durante e após a realização dos jogos e, ainda, pintura de desenhos relacionados à temática ambiental.

Como ação da terceira etapa, novamente aplicou-se o “roteiro de questões” já utilizado durante a primeira etapa do estudo. Agora, porém, o objetivo foi o de comparar os resultados de *antes* e de *depois* da aplicação das ações pedagógicas e lúdicas planejadas e, assim, discutir a relevância de tais atividades no processo de sensibilização ambiental das crianças.

Todas as atividades propostas durante o desenvolvimento da pesquisa foram aplicadas com todos os alunos dos 1^{os} 4^{os} anos, abrangendo tanto o turno matutino quanto o vespertino, e totalizando 168 crianças. No entanto, para a discussão dos resultados levou-se em consideração somente os dados obtidos com o “Roteiro de Questões” aplicado às turmas dos 3^{os} e 4^{os} anos em vista de os dois outros anos (1^{os} e 2^{os}) terem apresentado dificuldades para responder às questões no que diz respeito ao entendimento de palavras e perguntas, e também de leitura. Assim, a pesquisa efetivamente trabalhou com 113 crianças que foram as respondentes do “roteiro de questões”.

ROTEIRO DE QUESTÕES (A PRIMEIRA APLICAÇÃO)

Para o início das atividades buscou-se, em um primeiro momento, a interação com os funcionários e professores da escola com o objetivo de expor-lhes as atividades que seriam realizadas com os alunos durante a execução dos trabalhos. Para tanto, ocorreram quatro visitas à escola buscando essa troca de ideias com as professoras das turmas dos 1^{os}. a 4^{os} anos e transmitindo-

lhes os procedimentos de todas as etapas da pesquisa. Essas visitas iniciais foram de grande importância, uma vez que possibilitaram que as professoras concordassem com a realização das atividades disponibilizando tempo de seus horários de aula para os trabalhos da pesquisa.

Buscou-se, ainda, a interação e a preparação dos alunos para as atividades que seriam aplicadas. Assim, realizaram-se diálogos explicativos mostrando-lhes como seriam as ações e quais os objetivos e as etapas das mesmas, o que deixou as crianças ainda mais receptivas às atividades da pesquisa.

A APLICAÇÃO DOS JOGOS AMBIENTAIS

Os jogos ambientais passaram a ser aplicados após análise dos resultados obtidos com a primeira aplicação do "roteiro de questões". Em vista das dificuldades que afloraram das respostas sugeridas pelas crianças às questões propostas no "roteiro de questões", decidiu-se fornecer-lhes explicações detalhadas sobre os temas que mais se destacaram dentre as respostas com o "não sei", ou então que foram identificados como as questões "menos conhecidos" pelas crianças. A esses momentos de explicações, denominou-se de "ciclo de palestras de sensibilização".

Essa atividade, o "ciclo de palestras de sensibilização", aconteceu num único dia, nos períodos matutino e vespertino. Dessas palestras participaram todos os alunos de todos os anos (1^{os}. a 4^{os} anos) e as crianças demonstraram grande interesse por essa ação uma vez que os temas desenvolvidos possibilitavam-lhes subsídios para a participação dos jogos que aconteceram imediatamente após o encerramento da apresentação de cada um dos temas abordados. As palestras, portanto, versaram sobre temas variados: "meio ambiente"; "saneamento básico"; "água"; "enchentes"; "lixo"; "coleta seletiva"; "resíduos sólidos"; "resíduos líquidos"; "aterro sanitário"; "sistema 5Rs"; "mata ciliar" "desmatamento"; "animais domésticos"; "legislação de proteção aos animais domésticos", e "justiça socioambiental".

O motivo de os jogos ambientais acontecerem ao final da exposição de cada um dos temas abordados se deveu ao fato de que os jogos continham perguntas relacionadas às questões tratadas durante as palestras, sendo, portanto, necessário às crianças

assisti-las, primeiramente para depois participarem dos atividades lúdicas.

Para todas as turmas (1^{os}. a 4^{os} anos dos dois turnos da escola - matutino e vespertino), foram aplicados os mesmos Jogos Ambientais, quais sejam: o "Tabuleiro Ambiental"; "Jogo da Memória Gigante – animais da Mata Atlântica"; "Jogo Quebra cabeças – Imagens da Mata Atlântica". Cada turma foi dividida em 3 equipes para que as crianças pudessem revezarem-se durante a aplicação dos jogos.

O "Tabuleiro Ambiental", de tamanho bastante grande, chamou a atenção dos participantes. Disputado entre duplas, as próprias crianças eram as peças do jogo e caminhavam sobre o tabuleiro (de pano) respondendo às questões que haviam sido elaboradas de acordo com os assuntos tratados na palestra. As questões eram realizadas quando as crianças paravam sobre "casas" com um ponto de interrogação. Ganhava o jogo a criança que chegasse na última casa primeiro.

O Jogo da Memória Gigante, constituído com fotos de animais da Mata Atlântica em cores e plastificadas em folhas de tamanho A4, foi disputado em duas equipes que competiam entre si. Durante o jogo as crianças foram questionadas sobre os animais e a importância de se conservar a Mata Atlântica. Nesses momentos, as crianças demonstraram interesse e conscientização em relação à preservação do meio ambiente saudável. Procedeu-se da mesma forma em relação ao Jogo Quebra Cabeças, que era composto por uma imagem gigante da Mata Atlântica a ser montada.

○ ROTEIRO DE QUESTÕES MAIS UMA VEZ (A SEGUNDA APLICAÇÃO)

As atividades práticas realizadas dentro da escola foram fundamentais para subsidiarem as análises dos resultados da pesquisa. Durante essas atividades, quando reações e percepções das crianças eram constantemente registradas no caderno de campo, aconteceu a segunda aplicação do "Roteiro de Questões", o qual já havia sido aplicado na primeira etapa dos trabalhos. Essa segunda aplicação do "roteiro" teve como objetivo comparar as respostas dos alunos *antes* e *depois* da aplicação das atividades pedagógicas e lúdicas realizadas na escola. Nessa etapa, observou-se que os respondentes fossem os mesmos alunos que haviam respondido o "Roteiro de Questões"

durante a primeira aplicação do mesmo (e, também, o mesmo número de alunos).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A aplicação da pesquisa forneceu os dados e as informações bases para a análise do como pensam e agem as crianças no que se refere à sensibilização ambiental, a partir da prática de jogos pedagógicos e lúdicos.

No que se refere ao “teor” dos assuntos tratados no “Roteiro de Questões” aplicado, as crianças (3^{os}. e 4^{os}. anos) não apresentaram dificuldades de interpretação. Todos os alunos responderam de forma correta, assinalando apenas uma resposta e sem deixar nenhuma questão em branco. Inclusive, houve alunos que demonstraram curiosidade sobre palavras e termos que desconheciam.

Com base nas respostas obtidas já na primeira aplicação do “Roteiro de Questões”, pode-se perceber que a maioria das crianças está sensibilizada com as questões ambientais no referente a aspectos - apresentação de problemas e busca de soluções - como, por exemplo, não jogar lixo no chão, nos rios ou pela janela do carro ou do ônibus. Pode-se observar, ainda, que boa parte dos pais separa o lixo reciclável em casa, o que demonstra que esses também apresentam conscientização quanto à questão “destinação dos resíduos sólidos urbanos”. Porém, no que diz respeito à utilização da água potável, como no caso de lavar as calçadas do domicílio, as crianças revelaram que muitos pais praticam tal ação no cotidiano da casa. E, ao mesmo tempo em que as crianças revelaram essa situação, também mostraram-se preocupadas e questionaram essa ação dos adultos em geral como sendo uma demonstração de pouca conscientização em relação ao uso e desperdício indiscriminado da água.

Fica-nos evidente, nesse caso, o entendimento que as crianças têm de ambiente, representado, no caso, como “sinônimo” de natureza, e que o homem, “o destruidor”, tem a possibilidade de reverter os efeitos de suas ações com atitudes que encaminhem para soluções com vistas ao benefício da coletividade. Brügger (2004) manifesta que essa relação conceitual de sinomia entre ambiente e natureza é bastante comum e que deve ser superada. Outra questão ainda a ser analisada em vista das observações das crianças, trata da passagem - complexa - do *agir individual* para o *agir coletivo*.

Entende-se que esses momentos de superação se dêem, em especial, a partir das práticas na escola.

Quanto à questão sobre a coleta e uso da água da chuva, percebeu-se que poucos pais utilizam-se desse recurso, motivo para ser trabalhado mais enfaticamente junto às crianças, uma vez que é possível aliar, nas discussões, o fato de a cidade de Joinville ser considerada com índice de precipitação elevado e de que muitos dos pais usam água potável para lavar calçadas das casas. Da mesma forma também é possível trabalhar, junto às crianças, a questão das queimadas de lixo nos fundos ou perto das residências, uma vez que um alto índice de crianças (cerca de 40%) respondeu que perto de suas casas há pessoas que queimam lixo, acrescentando, ainda, que seus próprios familiares também praticam tal ação.

Como já realçado acima foi possível observar, das falas das crianças, que há uma intenção de resolução de problemas e que há propostas de soluções imediatas, mas sempre no *agir individual*. Não há manifestações no sentido do entendimento de que o meio ambiente é social, não há expressões referentes ao papel da sociedade como sendo, esta, ao mesmo tempo a provocadora e a receptora das ações. Embora o "Roteiro de Questões" fosse de certa forma diretivo, o próprio instrumento abria a possibilidade da exploração da consciência cidadã, da expressão voltada para o realce do coletivo.. Mas essa visão ampliada de mundo passou ao largo nas falas das crianças, porque o forte de suas expressões centrou-se nas ações individuais e de resultados eficientes, práticos e imediatos. Na verdade, as crianças não relacionaram as ações em favor do meio ambiente como sendo resultados de discussões e de propostas comunitárias, mas as identificaram como sendo meramente ações individuais de conveniência. E essas interpretações foram expostas assim, sem que houvesse um maior entendimento do que acontece com o meio ambiente como receptor dessas ações.

Schünemann e Rosa (2010), realizaram uma pesquisa sobre a conscientização ambiental de crianças da educação infantil utilizando-se de atividades práticas e didáticas. Os resultados dessas atividades repercutiram favoravelmente junto aos familiares das crianças participantes:

É possível afirmar que é viável e importante o desenvolvimento desse tipo de trabalho, tendo em vista

que os alunos, público alvo da pesquisa, demonstraram curiosidade, interesse e muita vontade de aprender e ampliar seus conhecimentos. Além disso, nessa etapa da vida escolar, a escola e as famílias estão muito mais ligadas. Trabalhando com os alunos, consegue-se alcançar as famílias e dessa forma o resultado é ainda mais positivo (SCHÜNEMANN E ROSA, 2010, p. 130).

Em relação às perguntas sobre os problemas socioambientais no bairro, referindo-se à comunidade como um todo, percebeu-se que grande parte das crianças não está sensibilizada para reconhecer tais problemas. Isto ficou explícito nas respostas às perguntas: "No seu bairro existem áreas sendo desmatadas?"; "Você considera o seu bairro limpo?"; "Existem rios no seu bairro?"; "Você acha as ruas do seu bairro arborizadas?" e "A coleta seletiva passa na sua rua?". Em todas essas perguntas grande parte das crianças demonstrou não saber exatamente a resposta correta (por volta de 60%). O mesmo ocorreu nas perguntas relacionadas à conceitos, como: "Você sabe o que significa a palavra resíduo?"; "Você já ouviu falar nos 5 Rs?"; "Você sabe o que é saneamento?"; "Você sabe o que significa reciclar?" e "Você sabe o que é a coleta seletiva?". É importante destacar que durante a primeira aplicação do "Roteiro de Questões" todas as crianças foram orientadas a responder diretamente "sim" ou "não" quando questionavam o significado de cada termo, isto porque posteriormente seria ainda aplicado o "ciclo de palestras", onde todos os assuntos tratados no "Roteiro de Questões" seriam devidamente explicados.

Tratando-se das respostas às questões "Seus professores falam sobre o meio ambiente em sala de aula?" e "Na sua escola há separadores de lixo?", percebeu-se, ali, a forte relação da escola com o meio ambiente. E por fim, as últimas questões: "O que é meio ambiente?" e "No seu bairro voce fala com os seus amigos ou familiares sobre as questões do meio ambiente?" As respostas dos alunos demonstram que a grande maioria ainda não consegue entender o que realmente é o meio ambiente e que também não discute sobre essa questão nem em casa com seus familiares e nem com os seus amigos de bairro.

Identificou-se, assim, que entre essas crianças prevalece a idéia de que meio ambiente resume-se apenas às árvores, plantas, florestas

e animas, enfim, à natureza, apenas, e não apresentam uma visão de conjunto, de um contexto geral de meio ambiente, de amplitude holística, socioambiental e emancipatória. Em outras palavras, as crianças demonstraram ter um entendimento ainda naturalístico de que meio ambiente é tudo o que nos cerca, incluindo a natureza. Ou, ainda, as crianças expressaram, como se lê na crítica de Tachizawa (2011), que entendem meio ambiente como tudo o que está envolvido na vida dos seres vivos.

Mediante tais respostas, buscou-se trabalhar com as crianças o entendimento da percepção conceitual de meio ambiente, tentando ampliar-lhes essa concepção naturalista, reducionista e até certo ponto antropocêntrica e levando-as a perceber o amplo sentido que possibilita esta expressão (BRÜGGER, 2004).

O ciclo de palestras realizado possibilitou agregar conhecimento às crianças. Ao final de cada tema palestrado abria-se um momento para perguntas, para contação de estórias, para tirar as dúvidas, e para praticar desenhos sobre o conteúdo que ouviu. Esse momento foi bastante interessante por gerar pequenos debates entre as próprias crianças. Essas se demonstraram participativas, falando em todas as palestras e sobre todos os temas trabalhados, confirmando, assim, que as palestras foram importantes e bem aproveitadas por todos. Conforme Bateson (1986), as crianças são ensinadas desde a mais tenra idade a definir as coisas pelo que elas supostamente são ou representam, em si mesmas, e não por meio de sua relação com essas e outras coisas.

Com o encerramento das ações do "ciclo de palestras de sensibilização", aconteceram os jogos ambientais: o "Tabuleiro Ambiental"; o "Jogo da Memória Gigante – animais da Mata Atlântica"; e o "Jogo Quebra cabeças – Imagens da Mata Atlântica", jogos esses que foram a essência da pesquisa.

Tendo em vista que dentre as competências a serem desenvolvidas pelo professor está aquela da construção da relação professor – aluno de forma a facilitar o processo de ensino e aprendizagem, e considerando que os Jogos Ambientais foram introduzidos, na escola, como uma metodologia de ensino diferente daquelas comumente aplicadas em sala de aula, os jogos, em si, despertaram grande interesse nas crianças. Essas queriam o quanto antes em aprender a jogá-los e a participar das atividades propostas pela pesquisa. Na verdade, como manifesta Pentead

(2007), o jogo tem propriedades formativas. Assim, entende-se que atividades de competição entre os alunos, quando saudáveis, acabam por estimular ainda mais a participação dos mesmos fazendo com que interajam entre si, promovendo a socialização e, também, facilitando a aprendizagem. Em outras palavras, tornando as aulas mais interessantes e muito mais proveitosas.

Após a execução dos jogos, procedeu-se à segunda aplicação do "Roteiro de Questões". Essa segunda aplicação do "Roteiro de Questões" de certa forma reforçou, ou melhor dizendo, referendou as respostas já fornecidas durante a primeira aplicação do "Roteiro", mas agora com uma diferença significativa: *depois*, identificou-se um índice superior de respostas corretas, o que possibilita perceber que a execução dos jogos ambientais ajudou no desempenho das crianças no referente às questões estudadas.

Para uma melhor visualização e entendimento dos resultados obtidos, criou-se um quadro para comparação entre o *antes* e o *depois* da realização do ciclo de palestras e da aplicação dos Jogos ambientais. Para isto, somou-se os resultados obtidos pelos 3^{os}. e 4^{os}. anos *antes* da aplicação das atividades e os resultados das mesmas séries *depois* de realizadas as atividades.

Nessa perspectiva, observou-se que de uma maneira geral as respostas apresentaram uma variação baixa nos resultados (comparando-se o *antes* e o *depois*), embora com uma ênfase destacada nas respostas corretas. Mas, é importante ressaltar, aqui, que a aplicação dos jogos ambientais reforçou sobremaneira o conhecimento das questões expostas no "roteiro de questões". Percebeu-se que as crianças adquiriram conhecimentos sobre tais temas a partir das atividades executadas durante a aplicação da pesquisa, o que confirma, mais uma vez, que atividades lúdicas são uma ferramenta de aprendizagem que podem ser utilizadas paralelamente e em conjunto com as ações cotidianas de sala de aula. E mais, pode-se dizer que não é o caso de aplicar-se esses jogos com temas relacionados ao meio ambiente, apenas, mas também com os demais temas que necessitam ser abordados nesse período de idade escolar.

Pode-se dizer que brincando a criança simboliza, imagina, representa e aprende. Ou seja, brincando, "a criança coloca-se num papel de poder" (BOMTEMPO, 2007, p. 66). No caso, as crianças que participaram da pesquisa aqui em destaque demonstraram sentirem-

se “no poder” de ter assimilado o conhecimento *novo* adquirido por meio da prática dos jogos. Vygotsky, que dá ênfase à ação do brincar e ao significado do brincar e da participação no jogo menciona que “a maior importância do jogo no desenvolvimento de uma criança se deve ao fato de este criar novas relações entre as situações dos pensamentos e situações reais” (VYGOTSKY, 2000, p.54). Em outras palavras, entende-se que o jogo é uma forma de aprendizagem e de estruturação de consciências.

Apoiados na base de que a criança é capaz de assimilar com maior facilidade novos conhecimentos e que está disposta a aprender sempre mais, acredita-se, portanto, que a criança tenha uma significativa importância na disseminação de novos hábitos e de novas práticas necessárias para a preservação do meio ambiente. A criança poderá divulgar esse *novo* conhecimento, esse afã de sensibilização ambiental entre seus amigos, familiares e colegas e, assim, atingir um número maior de pessoas na busca da defesa do meio ambiente. Como manifesta Silveira (2011), trabalhar com as crianças é bastante produtivo, pois elas absorvem mais profundamente as lições que lhe são passadas².

O período da infância é uma etapa singular, diferenciada da vida do Ser Humano, uma vez que preserva o seu momento mágico, único de desenvolvimento (ANGOTTI, 2006). Assim, justamente por isto é que deve estar planejado, estruturado, redimensionado nessa infância lúdica e cheia de jogos e brincadeiras, até mesmo enquanto condição de defesa e preservação da própria espécie Humana.

As constatações e resultados da pesquisa foram divulgados na própria escola onde foram realizadas as atividades e, assim, orientou os professores e propôs-lhes que

prossigam seu trabalho com mais ênfase nas atividades lúdicas e que essas constem em seus planos de ensino, e que não se restrinjam à apenas ao meio ambiente, mas que também abordem de forma ampla os demais temas trabalhados em sala de aula. Nesse

2 Essa é uma questão que Capra (1996) anuncia como a “consciência ecológica” e que, segundo o autor, atingirá o seu sentido mais profundo quando o Ser Humano for capaz de reconhecer a interdependência fundamental que há entre todos os fenômenos e o perfeito entrosamento dos indivíduos e das sociedades nos processos cíclicos da natureza. Na interpretação do autor, essa é uma percepção “profundamente ecológica” e que aos poucos vem emergindo em várias áreas da sociedade, tanto dentro como fora da ciência.

pormenor, destaca-se, aqui, que em vários momentos da aplicação do estudo os professores, satisfeitos com os resultados da pesquisa que se manifestavam nas percepções das crianças, expressaram-se enfatizando essa metodologia de trabalho que

é, sem dúvida, uma alternativa a ser considerada como uma proposta política para a escola. Considera-se, assim, tendo em vista que essencialmente está voltada para a melhoria da qualidade do ensino na educação básica e nas comunidades do entorno da escola.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a aplicação da pesquisa observou-se que houve sempre uma efetiva participação das crianças em todas as atividades ao longo de todo o período em que os procedimentos metodológicos foram executados. Algumas crianças, em especial, destacavam-se das demais por demonstrarem conceitos mais reflexivos sobre os assuntos tratados - isto tanto na situação *antes*, como na situação *depois* da aplicação dos jogos ambientais.

A análise dos resultados obtidos com as duas aplicações do "Roteiro de Questões" demonstrou que grande parte das crianças está sensibilizada com a especificidade do meio ambiente. Demonstrou, também, que ainda existem certas questões – levantadas pelas próprias crianças – que devem ser trabalhadas mais enfaticamente pela escola, tais como a temática do aproveitamento da água das chuvas, da não utilização da "mangueira" na lavagem de calçadas domiciliares com uso de água potável e outras atitudes mais, simples e cotidianas, e que as crianças assimilam e posteriormente repassam a seus familiares. Questões essas que se consideradas pelo coletivo de habitantes, resultam em benefícios para a comunidade.

Entende-se que é uma boa medida o investimento da escola também na conscientização dos pais e que esse processo se dê por meio de ações pedagógicas que possam ocorrer na própria escola, tais como a promoção de palestras ou outras atividades de Educação Ambiental extensivas para toda a comunidade. E, essencialmente, percebeu-se que a prática dos jogos ambientais é, sem dúvidas, a associação do lúdico e do pedagógico na aprendizagem e que essa prática trás resultados efetivos para a criança.

Baptista (2011) infere que experiências com a aplicação do lúdico na educação de crianças têm sido bem sucedidas, e que a utilização do método lúdico na educação escolar é na verdade um procedimento inovador, se em consonância ao sistema atual de ensino. Mas, infere a autora, quando se analisa os resultados finais comparando-se as duas modalidades pedagógicas, fica-se cada vez mais estimulado a continuar aplicando esse método lúdico de aprendizagem na escola. Embora, ressalta a autora, esse seja um desafio nada fácil de ser vencido pelos professores. A alegação, no caso, funda-se na questão da política educacional vigente, e a solução seria o “pensar-se” novas políticas com base em metodologias pedagógicas alternativas – tais como a aplicação dos Jogos Ambientais para a aprendizagem infantil.

Nesse encaminhamento, a par da questão positiva do estudo aqui em realce, os seus resultados também encontram consonância no trabalho de Schünemann e Rosa (2010). Segundo esses autores, as atividades práticas e didáticas por eles aplicadas em crianças da educação infantil visando a conscientização ambiental apresentaram-se como “ferramentas fundamentais” para abordar os temas trabalhados durante a aplicação da pesquisa e, também, para alcançar os objetivos então previstos. Os autores ainda enfatizam que os alunos demonstraram especial interesse pelas atividades práticas sendo que essas serviram como um incentivo para a realização das demais atividades que passaram a ser realizadas na escola.

Assim, em vista dos resultados obtidos, infere-se que a pesquisa aqui analisada foi de grande aproveitamento às crianças participantes. As iniciativas dessas crianças às ações aplicadas, em especial às explicações dadas aos temas que lhes eram pouco conhecidos e desenvolvidos durante o “ciclo de palestras de sensibilização” e, particularmente, as reações demonstradas com os resultados dos jogos ambientais nos mostram que uma atividade lúdica como o jogo, é, de fato, um passo essencial para se trabalhar a Educação Ambiental na escola. Além de ser uma ação incentivadora de práticas que visam a defesa, a proteção, a conservação e a preservação do meio ambiente.

Essas atividades pedagógicas e lúdicas nos confirmam que as crianças, sensíveis para desenvolver percepções sobre o tema meio ambiente, são também boas receptoras do novo saber e boas propagadoras desse novo conhecimento para as demais pessoas à

sua volta, possibilitando, assim, difusão e sensibilização ambiental no seu entorno. Como nos revelam Sato e Passos (2011, p. 240), “ a vida cotidiana é a vida do indivíduo”, e o indivíduo é sempre um Ser particular que reforça o seu caráter ao mesmo tempo individual, mas também coletivo, e neste sentido, é parte do coletivo, do entorno. Portanto, o cuidado com o Planeta há que ser uma atitude do Ser social e deve acontecer na prática consciente da vida cotidiana.

As crianças são o futuro do mundo. É por meio delas – conscientes - que se espera a mudança do comportamento do Homem em relação à preservação da vida *na e da* Terra.

A PLAYFUL APPROACH AND TEACHING IN ELEMENTARY SCHOOL: WORKING WITH ENVIRONMENTAL EDUCATION

ABSTRACT

The research that subsidizes this article, which goal was “to raise awareness to educate children, warning them about the importance of the environment and encouraging the preservation of nature through recreational and educational activities,” was applied to a qualitative approach at a public school in Joinville (SC). There was a comparative study whit children 1st to 4th years of elementary education in relation to the content worked. The same “Writing Issues” was applied *before* and *after* of the actions of the research. Meanwhile practiced up “environmental games”, entertainment and teaching. The favorable results showed the importance of using to work of the playful teaching methods with the Environmental Education.

Keywords: Environmental Education. Environmental Games. Environmental awareness.

REFERÊNCIAS

ANGOTTI, M. Educação Infantil: para que, para quem e por quê? Campinas, SP: Editora Alínea, 2006.

BATESON, G. *Mente e natureza – a unidade necessária*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1986.

BAPTISTA, W. Educação Ambiental através da ludicidade. Disponível em: WWW.legadoludico.com/artigos/AEA Acesso em: 12 nov. 2011

Uma abordagem lúdica e pedagógica... - Nelma Baldin

BOMTEMPO, E. A brincadeira do faz-de-conta: lugar do simbolismo, da representação, do imaginário. In: KISHIMOTO, T. M. (Org). Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação. 10ª. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.

_____. Lei n.º 9.795, de 27 de abril de 1999 - institui a Política Nacional de Educação Ambiental, e dá outras providências. Brasília, DF: Senado Federal, 1999.

BURSZTYN, M. Desenvolvimento Sustentável. São Paulo: Brasiliense, 1993.

BRÜGGER, P. Educação ou adestramento ambiental? Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2004.

CAPRA, F. A teia da vida. São Paulo: Cultrix, 1996.

CARVALHO, I. C. de M. Educação para sociedades sustentáveis e ambientalmente justas. Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental da FURG, Rio Grande, v. especial, p. 46 a 55, dez. 2008.

FLORIANI, D.; KNECHTEL, M. do R. Educação Ambiental – Epistemologia e Metodologias. Curitiba: Vicentina, 2003.

KISHIMOTO, T. M. (Org). Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação. 10ª. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

LAYRARGUES, P. P. Conhecendo a educação ambiental brasileira. In: LAYRARGUES, P. P. (Coord). Identidades da educação ambiental brasileira. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2004.

MINAYO, M. C. de S. (Org.) Pesquisa social: teoria, método e criatividade. 22 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

MONTIBELLER FILHO, G. O mito do desenvolvimento sustentável. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2001.

PENTEADO, H. D. Jogo e formação de professores: videopsicodrama pedagógico. In: KISHIMOTO, T. M. (Org). Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação. 10ª. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

PIAGET, J. A psicologia da criança. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

SATO, M.; PASSOS, L. A. Biorregionalismo: identidade histórica e caminhos para a cidadania. In: LOUREIRO, C. F. B.; LAYRARGUES, P. P.; CASTRO, R. S. (Org). Educação Ambiental – repensando o espaço da cidadania. 5ª Ed. São Paulo: Cortez, 2011. p. 227 - 259.

Uma abordagem lúdica e pedagógica... - Nelma Baldin

SCHÜNEMANN, D. da R.; ROSA, M. B. da. Conscientização ambiental na educação infantil. Revista Eletrônica do PPGEAmb – CCR/UFMS – Monografias ambientais. Vol.(1), nº1, p. 122 – 132, 2010. Disponível em: <http://cascavel.ufsm.br/revistas>. Acesso em: 12 nov. 2011.

SILVEIRA, R. Educação Ecológica. Disponível em:

<http://www.greepet.vet.br/ecologica.php>. Acesso em: 13 nov. 2011

SORRENTINO, M.; TRAJBER, R.; MENDONÇA, P.; FERRARO JÚNIOR, L.A. Educação Ambiental como política pública. Revista Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 31, n 2, p. 285 – 299. maio/ago, 2005.

STRANZ, A.; PEREIRA, F. S.; GLIESCH, A. Projeto Universidade Solidária - Transmitindo Experiências em Educação Ambiental. In: ZAKRZEWSKI, S. B. B.; VALDUGA, A. T.; DEVILLA, I. A. (Orgs). I SIMPÓSIO SUL BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL, II SIMPÓSIO GAÚCHO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL, XVI SEMANA ALTO URUGUAI DO MEIO AMBIENTE. Anais... Erechim (RS): EdIFAPES, 2002.

TACHIZAWA, T. Gestão ambiental e responsabilidade corporativa – estratégias de negócios focadas na realidade brasileira. 7ª ed., São Paulo: Editora Atlas, 2011.

VYGOTSKY, L. S. A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

Aprovado em outubro de 2014

Publicado em março de 2015